

DA CORPOREIDADE DOS TEMPOS EM TEMPOS DE TRANSIÇÃO: A ESCRITA ARTIVISTA COMO CONHECIMENTO E DESCONSTRUÇÃO

FROM CORPOREALITY OF TIMES IN TRANSITION TIMES: ARTIVISTA WRITING AS KNOWLEDGE AND DECONSTRUCTION

Rafael Garcia (IFB/UnB/Uel - bolsista PROEXT 2015)

Resumo: O presente escrito apresenta uma tentativa de traição poética às normas impostas aos estudantes/artistas na escrita acadêmica. Por assim ser, o trabalho expõe em um texto metalinguístico, uma dança entre os gêneros textuais da linguagem, performando índices de presença e significação que, ao se fazerem corpo e sentido, buscam refletir sobre o papel da escrita nos processos de formação de artistas acadêmicos.

Palavras-chave: escrita, transcrita, transcrição, typing.

Abstract: The present written words depict an attempt to carry out a poetic betrayal to the rules imposed to students/artists during academic writing. As a matter of fact, this work exposes a metalinguistic text, like a dance between textual genres. I do it by performing levels of presence and signification, which, while changing themselves into body and senses, aim to reflect about the role of writing in processes of artists' training who are also academic scholars.

Keywords: writing, transcription, transcreation, typing.



Por muito tempo pensei com que palavra começar este texto que estende a você meus pensamentos e sentimentos sobre minha pesquisa estética, técnica, artística e acadêmica em teatro, dança, ativismo¹ e performance arte, palavras que, por encontro, chegam a seus olhos e, assim, a seu corpo.

Talvez "digito" seja a palavra que mais referencia o momento histórico no qual se insere este escrito. Pelo menos poeticamente, digitar é diferente de

datilografar, e por isso esta seria uma boa palavra para esses dias. Penso estes como os tempos de digitar, pois os tempos de agora, em que completo três décadas de tempo, são bastante diferentes. Os discursos, para se fazerem palavras, são menos sonoros que os daquele tempo que vi morrer, junto com o estalar das máquinas de escrever.

As obsoletas máquinas de escrever estalam minha infância. O episódio é que, assim que surgiram os

1 O neologismo ativismo é um conceito antigo que remete aos *happenings* da década de 60, e que ganhou mais projeção no Brasil a partir das chamadas "jornadas de junho", manifestações que ocorreram a partir de junho de 2013 em nosso país, aparecendo assim nos diferentes campos do saber como conceito e categoria analítica. O

termo abarca as complexidades dos cruzamentos entre a experiência política e a criação estética nas formas contemporâneas de ações coletivas, em que a práxis política e a prática estética se unem para a reapropriação dos espaços públicos e, assim, para a disseminação da consciência política e social.

computadores, as máquinas de escrever entraram em desuso, e, junto com elas, suas palavras estaladas de rolinho preto e vermelho. Agora seria a hora de puxar a alavanca para a folha subir.

Digito aqui a obsolescência de um discurso que insiste em escrever modos de vida datilografados. A máquina de escrever tornou-se obsoleta, e já nos meus primeiros anos de escola existiam os computadores, mas eles apenas existiam. As revoluções tecnológicas que levaram as máquinas de escrever embora demoraram a chegar aos lugarejos como Mandaguari², cidade onde nasci. E, levando em conta minha classe social, fui mesmo ter computador nos meus anos tardios de universidade. Levei mais anos para compreendê-lo.

O que temos nos tempos de agora são traçadas de luz que comunicam no tempo e espaço nenhum de uma página que só existe dentro desta máquina de digitar e criar linguagens. Mundos e lugares de *pixels*, que podem ou não virar lugar de papel, para então ser, ou não, pensamento.

Vivemos num outro momento.

O computador trouxe dentro de si o virtual. O luminoso virtual tornou-se, nos tempos de digitar, um dos principais lugares de nossas relações. Lugares nenhuns, lugares do mundo todo, lugares de luz e som e de corpo bidimensional, sensível e afetivo.

O que acontece com nossos corpos quando não temos mais a referência do espaço e do tempo como o centro de nossa experiência? O que acontece quando o espaço de nossas relações de construção de nós e de conhecimento encontram na atopia³ e na acronia⁴ um mundo inteiro de paisagens possíveis e impossíveis para seu desenvolvimento?

Nossos corpos vivem o espaço e o tempo de outra forma. As relações intersubjetivas entre os seres humanos do mundo todo se transformam. Temos mais e muitos vizinhos aqui do lado na lista do bate-papo do *Facebook*. Novos conhecidos em todos os países, afinidades e afetos no

mundo inteiro. O mundo virtual criou uma nova experiência. A virtualidade e virtuosidade da imagem, da informação e da imaginação nos aproximou. Falamos com amigos antigos, parentes que já não vemos e pessoas que jamais reveremos. E nessa troca de afetos em teia infinita nos abraçamos com mais frequência e reencontramos, nos braços do outro, o abraço da virtualidade de novos sentimentos e sentidos de vidas.

Quem é o “sujeito” dos novos verbos digitados? Este que caminha no tempo da obsolescência⁵ instantânea dos produtos, das máquinas, das letras e de tudo que pode afetar e ser afetado. Tempos do descarte da identidade e da palavra do verão passado. O sujeito construído no tempo da datilografia tinha o dever de errar menos, errar no papel poderia significar perder a folha inteira de conceitos, letra e relação.

Já não temos mais folha alguma.

Podemos ter o infinito em folhas, inúmeros *logins*, novos endereços de *e-mails*. Podemos multiplicar nossas identidades tantas vezes quantas quisermos, fazermos parte de tantos múltiplos grupos quantas são múltiplas nossas personalidades. Nessa dança, a passos de rede infinita, trocamos carícias, flertamos os corpos no proibido desejo de sequer ser alguém, e no fundo escuro da privacidade quase infinda dos microcircuitos da máquina, seguimos criando-nos múltiplas singularidades.

Nessa andança entre novos mundos, o sujeito desfragmentou-se em tantos *megapixels* possíveis e dissolveu-se numa nuvem de micropartículas. A identidade virou pó. A corporeidade e o encontro, abraços de luz fragmentada.

Volátil e efêmera, a nossa experiência se esgota e se reestabelece numa miríade de des/continuidades. “Desprovidos de tempo e espaço, sem lugares e sem distâncias impossíveis vivemos no utópico sem tempo, onde tudo pode existir num passado e num porvir interminável”⁶. Tal qual tudo, nós mesmos.

Telecomunicação, telepresença, teleausência,

2 Município localizado no centro-norte do Estado do Paraná.

3 Ausência de lugar físico.

4 Ausência de tempo cronológico.

5 Vivemos no mundo do descartável, antes as relações entre produto e cliente se fundavam, no fato de serem duráveis. Hoje, um *iphone*, por exemplo, vale o preço e tem a duração da moda que a mídia de consumo faz a seu redor, até que um novo e semi-igual apareça e o anterior perca este estimado valor.

6 Marilena Chauí: A contração do espaço e tempo do espetáculo. Palestra disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=jC-LwwyCdXI&hd=1>>.

televisão, telepessoas. Um membro de um grupo humano, que pode ser qualquer um, tem nas teclas dos dedos toda virtualidade e virtuosidade de um mundo de imagens que superam e inspiram a própria realidade. Sem tempo nem espaço concretos, digitamos, multiplicamos, desejamos, criamos potências e, assim, o ciberespaço, a dilatação do espaço e do tempo de tudo o que é universo.

A mistificação do ser humano nunca chegou a tais níveis. Estilhaçado, ao sujeito passaram a serem associadas múltiplas imagens, uma proliferação de imagens sem precedentes. Passamos de sujeito/identidade à bricolagem de cacos de imagens, “Adornos”, discursos, memórias e plástico, sem nenhum suporte e nem referência primeira. Semideuses, pintados a *Photoshop*, exibimos nossas corporeidades inventadas nas academias, farmácias e mesas de cirurgias, objetificadas nos *shoppings* e filtradas pelas películas do mundo de cores de felicidade do *Instagram*. Possibilidades sem fim, que resultam em criar corpos concretos no mundo das pessoas com máquinas de digitar. (ADORNO; HORKHEIMER, 2002).

Qu(e)er-se pode falar em identidade corporal, temos hoje silicone, transplantes, *botox*, hormônios sintéticos, estéticos, operações de mudança de sexo. Também por isso já não funciona mais a relação entre o que é da natureza ou artificial, tão pouco as noções de realidade e cópia.

A política também mudou. Agora esta provou poder ser uma ação sem líderes, sem representantes, sem instituições, mascarada. Política sem receita, partido, e sem se quer porque absoluto. Anonymous⁷, estamos fazendo da política criação, invenção: Manifestação. A

contração do tempo e do espaço ampliou-nos o espetáculo: das telas para a cidade. Daqui, digitamos passeatas nas ruas, fizemos badernas⁸ na estrutura habitual social. Causamos desencontro e paradas nas ordens normais da sociedade dos homens de bem⁹. Demos Rolezinhos¹⁰ na calma da sociedade patriarcal organizadora e, assim, escancaramos os esforços dos que fizeram antes de nós.

Da nossa forma nova, estamos caminhando no sentido de desestabilizar e transgredir algumas das estruturas modernas que engradaram¹¹ nosso conhecimento e nosso corpo, junto às garrafas de Coca-Cola que sustentam a propaganda e a propagação de nossas entidades políticas, religiosas e judiciais de poder.

Em um instante de protesto, fomos tomados por uma sensação de estarmos entrando nos limites de uma nova era...

Nos limites de ser e de fazemos mudanças a partir e através de nossos corpos.

Porém, o clero também acompanhou toda mudança da era, e fez da era o que já era. As telas e digitações inventaram dos velhos dogmas, novas virtuais religiões. E nesse jogo em rede, até a católica religião pescadora de almas teve de lançar novas tramadas redes. Padres celebridades, um Papa Pop, que pode ser trocado se não der certo. Temos Papa na velocidade e na produção espetacular da dança ou da música da moda¹². Papados nos espaços de um *tweet*.

As palavras de luz do criador/salvador, feitas telas temerosas em imagens de *pixels* no barroco virtual, são descontextualizadas, compartilhadas e curtidas como fundamentos de amor e ódio, servindo também às ideologias de vida do *new pentecostal* e *hi-tech* clero. Liturgias que há tempos dão rubricas para vidas, constroem

7 Anonymous é um grupo ligado ao hackativismo internacional que atua em diversas frentes. Como forma de protesto, o Anonymous invade páginas na Internet, derruba sites, tem participação ativa em protestos por todo o mundo, como nas manifestações no Brasil em 2013. O fenômeno hacktivismo, assim como o surgimento e a estrutura do Anonymous e das manifestações de junho, estão diretamente ligados à cultura da Internet e do ciberativismo. Um dos símbolos do grupo é a máscara de Guy Fawkes, um soldado inglês que participou de uma conspiração no século XVII com o objetivo de assassinar o rei da Inglaterra e os membros do parlamento. A conspiração foi descoberta e Fawkes executado. O personagem ficou famoso quando, em 2006, o filme *V de Vingança*, adaptado de uma série de quadrinhos, mostra um personagem defensor da liberdade que usa a máscara do Fawkes. Nas manifestações, a máscara foi utilizada tanto para o anonimato, quanto para a proteção contra os sprays de gás de pimenta utilizados pela hostil polícia brasileira.

8 *Baderna* foi um termo usado pelos telejornais da Rede Globo de televisão, e conseqüentemente, pelos telejornais de outras emissoras, para se referirem às manifestações nas quais houve mais embate físico. Os militantes mais combatentes foram chamados de baderneiros e depois classificados como Black Bloques por utilizarem camisetas pretas amarradas no rosto como proteção.

parábolas de corpos de pecado e induzem castigos e violência aos corpos de pecadores. Pregadores de um puro mundo do espírito, “longe” da alegoria do inferno, dos calores do sexo, oram o empreendedorismo de Cristo e, em seus salomônicos templos, digitam novos significados para suas novas bíblias, que a custo de altos dígitos parcelados no cartão podem ter a grife do homofóbico pastor, o grande astro da TV.

Nessas novas bíblias já não vale mais o décimo mandamento: não cobiçarás o que é de teu próximo, pois, ser é ter, como o próximo. Cobice, seja dono de teu trabalho, do teu produto e, principalmente, doe. Desde sempre é só doando que Deus dá. Mas agora você pode ter também, igual ao deputado e administrador da política para os escolhidos. A religião dos antigos Hebreus adequou-se, de novo aos novos tempos, criou muitos novos sujeitos, ressignificando resinificados valores arcaicos. Descentralizou o poder do padre branco, demonizou ainda mais a matriarca preta e retomou uma legião do político, continuando a fazer parte do jogo, mantendo o tabuleiro sob sua bancada¹³.

Talvez, minhas palavras, por hora, apresentem certa rispidez. Mas entenda que o assunto do qual trata esta fala resulta da urgência do rompimento com algumas crenças que, ao longo de muitos anos de estrutura linguística, moral, psíquica, dogmática, política, biológica, médica, vêm diferenciando nossos corpos, esgotando nossos sentidos, demonizando nossos afetos, patologizando nossos desejos, higienizando e rebaixando nossas formas de vida e de representação e afirmação de nós mesmos.

É importante, para mim, salientar que esta teorização não busca nenhuma forma de discriminação, nem ofensa ou ataque às novenas resultadas da beleza e da poesia da fé da minha

vó e da tua. Ela exalta, no corpo de uma vida, as festas dos reis e dos divinos bailões caipiras de São João, que rodopiam em sentimentos e em minha mente nas quermesses de minha infância. Minhas falas também não querem tirar o entusiasmo que cura, traz bonança e propriedade para felizes e doadoras vidas dizimistas.

Mas o que quero propor aqui, enquanto artista e pesquisador, é que qualquer forma de monismo de pensamento, ou suposição de que todo ser humano pertence à tradição (só uma tradição), que há séculos privilegia um deus e um povo, tem conflagrado por consequência um pensamento de sujeito e de ser que desqualificam aos meus, sodomiza pessoas que sou no meu convívio, desvirtua e vitima crianças que eu nem mesmo conheço, mas que já fui. Além disso, manter “uma verdade” que se move a partir de “uma ideia de ser”, multiplica um pensamento etnocêntrico, teleológico, *falogocêntrico* de história, no qual a ideia de sentido de ser traz, para alguns, signos privilegiados.

O que pretendo demonstrar neste prelúdio é que ritos que podem receber diferentes denominações na linguagem e servir a diferentes deuses têm, por essência linguística, histórica, cultural e sociológica, o estar junto ao outro tão necessário ao meu eu, e ao teu, e ao de todas as civilizações humanas. Estar junto que estrutura o ser sujeito, cidade-sociedade, e, então, a singularidade numa tribo de afirmação. Entusiasmos que transbordam potências e se fazem imagens, corpos de vidas em carne e objetos, e que, assim, criam, ligam, aproximam ou afastam nossas experiências, identificações, afetos e afecções.

Esta escrita trata do que meu corpo (artista, ativista, gay,) sente e pede. Do que meu trajeto sugere. São transcrições e criações de conceitos,

9 Sartre nomeia a sociedade normativa de “A sociedade dos homens de bem” (SARTRE, 2002).

10 Os chamados “Rolezinhos” foram “passeios” ou “invasões” realizadas em shopping centers por todo o Brasil, por grupos de jovens de setores mais pobres e de classes mais desprivilegiadas da sociedade. Estas manifestações foram marcadas pela internet, e resultaram na presença transgressora de grandes grupos de jovens em espaços públicos, mas, particularmente reservados a camadas mais abastadas do social. Estes atos extra cotidianos desafiaram os limites de desigualdade visível e vigente e promoveram através da espetacularização do encontro, manifestações políticas de afirmação da igualdade e fortalecimento da democracia.

11 Grade curricular, grade das cadeias, grades de refrigerante. Estamos presos há tempos.

12 A visita do Papa Francisco em 2013 foi um carnavalesco alegórico e milionário espetáculo televisionado de reafirmação e *marketing* acerca dos dogmas cristãos.

13 No Brasil, importantes assuntos perdem a oportunidade de desenvolvimento devido à força e a jogatina política da chamada bancada evangélica, que, atualmente, tem bastante influência nas decisões políticas do país.

ideias, pensamentos e sensações. TRANSCRIÇÕES. Estas transitam entre as fronteiras da linguagem, das artes cênicas, visuais, plásticas, performativas, sustentando e objetivando por fim pesquisas e obras artísticas espetaculares, políticas e transgressivas referentes ao corpo, à cultura e à arte de gêneros transviados contemporâneos.

São também devaneios para a solidão da minha infância, para o gramado do meu grande quintal. Para sondar minha criança, minha criação patriarcal. Corpo, espaço, tempo, linguagem, gênero, sexo, singularidade, a/"normal". Um Relembrar, de minha formação, meu corpo, atuação, minha transformação. Que é para falar de determinados abjetos, e de minha objeção. Fazer do meu corpo espetáculo político e de minha arte, TRANSCRIÇÃO.

DA ESCRITA TRANSCRITA COMO TRANSCRIÇÃO

Páginas digitadas. Esta é a única forma de escrita imposta a nós acadêmicos, para as quais eu preferiria, por experimento, os grifos de caneta esferográfica que, pelas voltas do relógio digitalizado do hoje, provavelmente veio veloz e a baixos escravos custos, em um contêiner navegado do outro lado da esfera.

Tracejos circulados de tinta oferecem ao globo ocular daqueles que se enrolam na língua, que é letra manuscrita, afetos borrados de incertezas, trêmulos veios nascentes, que se aprofundam papel nos músculos das orações de cólera. Expressões afluentes que se perdem no fluxo vertente da mente ao corpo, que é, então, caneta, para depois serem cursivos traços, que inundam a brancura seca e vazia da folha com o azul molhado de letras lentas, que não podem voltar a não ser pelo poder da magia da tecla, o BACKSPACE que apaga a poética.

Signos estes que, ainda que por cima se tornem rabiscados, oferecem, ao olho do leitor, mesmo pouco atento, um circunscrito comunicativo de um momento errático, minuto e particular.

Escrevo como quem faz palavras, com vontade de rabiscá-las. Por cima de letras já dadas, signos de vida, rasuras de carne, transbordamentos do

inventar.

Quantas palavras se perderam no tempo, na escritura e no pensamento? Quantas, sem se quer serem, voltaram atrás? Quantos sentimentos e sentidos perdidos. Entre a potência do espírito e os corpos da extensão e tecla? Entre a consciência, no ouvido, o respirar, o pulmão e a fonética? Quantas essências não foram notadas vida na história transcendental prescrita no sujeito, poder da ordem, superstição do "direito", sociedade da norma e da forma alfabética?

E quão rígida a dureza ainda ABNormatizada da grafia acadêmica, em Times New Roman 12 com letras justificadas, em espaçamentos de 1,5 cm. "Que devem correr na voz do outro, para o parágrafo de 4,5 cm, conter espaços de 1,0 cm e ser 11 de tamanho."¹⁴

Tão austera é a norma quanto à incerteza da poesia que é desordem, no que fiz agora poder até em você chegar.

Qual o domínio da forma à linguagem, quando impõem, sobre a atuação do signo do estudante, as normatividades instituídas à letra da palavra? Ao fluxo do pensamento? Ao corpo do texto em movimento, no corpo do outro, e sobre o corpo de quem quer se expressar aqui de dentro? O ato de impor modos para transcrição de vivências numa página da instituição revela intentos de domínios simbólicos sobre as escritas transviadas de um artista inventivo. Além disso, estabelecer moldes para orações particulares pode acarretar efeitos um pouco questionáveis sobre as dimensões corporais que estas letras, constringidas dentro de um formato, podem provocar naquele corpo outro que se defronta com o movimento do discurso, através da maneira pela qual o lê.

Como seria então? Para um artista, criativo, político e transgressivo, das artes do corpo e da Performance, transcrever pensamento e vida feita fora da regra em palavras postas à norma? Como imprimir nesse papel, em palavras academicizadas, a realidade sensível de corpos/experiências que não cabem nas rubricas "masculino" e "feminino" para o destino? Que rompem com a natureza representativa da cultura e do corpo, para as marcações do(s) gesto(s) do(s) sexo(s)?

Como transverter dogmas, políticas, saberes médicos e formas jurídicas? Sem, com isso, refutar ou criticar os princípios de outras liturgias

14 Ou virem a ser pé de pagina: Assim! Nas devidas regras! Medidas! Tamanhos! E lugares de citar!

legitimadas, de um tempo em que “únicas”, “verdadeiras”, admiravelmente conduzidas por uma vigília crítica de pensamentos ou fé, ou poder, que outros, antes de nós, puderam ou fizeram por nos conduzir a seguintes entendimentos, que chegam até os meus, na ordem de seus progressos e regressos, na historicidade de seus trajetos e tradição de seus momentos?

Como não ser pessimista? Se, de fato, a história da metafísica dualista, que inspirou a binaridade alma e corpo nos gêneros masculino e feminino, sustentando assim a palavra da existência e o sexo da autorização, foi inspirada. Ou, melhor dizendo, soprada por uma unânime voz, lendo ela própria um texto mais velho que o poema do meu corpo, que o teatro do meu gesto? Como? Reverter toda esta dramaturgia aristotélica, judaico/cristã/moral, que é genérica. Começo/meio/final? Revelando também a verdade contida, no armário do sexo e na consciência reprimida, em um “erro” existencial? Como transcender o eurocêntrico monólogo imperial? E discorrer deleites de leitões de outros conceitos, singularizados de sexo natural.

Mais um drama consiste. Como dar anseio de sexual à letra fria e digitada de um texto acadêmico, “normal”, se este foi originalmente concebido no calor físico de uma paixão carnal? Como engendrar o texto em uma performance poética que imbua às palavras do movimento de meus afetos, e do desejo e percepções do meu sexo, permeando, assim, as letras de suores sórdidos de excitação e a palavra do sêmen prazer que tive de encontrá-las? Como escrever transpirando os sentidos dos corpos, para que, sobre os corpos sejam os movimentos transgressivos dos sentidos?

Como tecer na escritura presente, presença inventada de criador, militante e *performer*? Se a arte de minha criação e relação com o desejo situa-se no imediatismo das presenças e ausências “presentes” e imediatas? Se o desejo de minha arte trata o acontecimento, o aqui-agora? E para um “escritor”, esta presença é mediada, diferida, atrasada, pela presença/ausência tanto do autor como do leitor/ouvinte?

TRANScriar pensamentos, não apenas transcrever veridades, mas transgredir no signo do labor de meu texto e de minha criação artística, a metafísica biologizante, que leva o texto e o corpo significante ao gênero e sentido de um único e verdadeiro significado. Violar as

palavras, dilatar os sentidos. Escrever na *diferença* de significados de carne. Filosofar arte, “formar, inventar, fabricar conceitos”. Tramar e transar no traço existencial de mundos possíveis e nos espaçamentos e movimentos dos signos de corpos vividos, *TRANS*vividos. Gestos e expressões cujos sentidos buscam e devem ser entendidos para além das determinações metafísicas da palavra, do corpo e sujeito, e das limitações estruturalizadas nas normas do ser.

Digitar rasuras sobre as noções de centro tramadas na historicidade do conceito. Ser, nas letras de sentido, transviados corpos de multiplicidade, para que os gêneros redigidos na oração da letra transcendental recebam ordenações e formas do corpo de um texto *estranho*. Porque, na escrita, o contato com o outro não deixa de existir. O escritor pode transcrever devir(es) outro(s), (re)produzir ou (re) criar atmosferas, corporeidades, *fisicalidades* e, desse modo, entrar em contato e tocar realmente no corpo do outro que lê.

Tramar um escritor, para poder transar a letra e *TRANScriar* palavras roubadas, traduzir na grafia estranha a transmutação alquímica do corpo objeto errado. Transcrever texturas da transpiração social, trasbordamentos do ideal de corpo lavrado. Tessituras do corpo e sentidos significantes em contexturas de transviadas criações. Operações de mudança de signos, transplantes de próteses de signos, ejaconceituações.

Trago comigo a recente consideração de que o ato de transcrever espíritos, que são também corpo, sexo e pensamento, seja da maneira que os forem, é sempre um ato de *TRANScriar*. Ideais furtados, que passam e se esvaem de um corpo para então serem escritos, levam consigo compassos carregados de leituras e sonâncias próprias. Movimentos e soluções de estética, ora linguística, ora fonética, resultantes do embate palavra/potência, carne/trajeto, palavra/escrita, signo/singular.

TRANScrevo criando *TRANScrita*, escrita *TRANS* desconstrutivista. Transviação redigida no caótico de um texto, que transcende a grafia normatizada do contexto, transbordando na palavra e na forma por pretexto a academia da norma e da significação. Uma estratégia programada e um “*subconceito*” que inverte a hierarquia protegida por direito, trazendo do marginal o centro da inspiração.

A transitoriedade de minha filosofia abre para transdisciplinaridade a minha letra fria, na *contra-assinatura* de minha digitação. Palavras travestidas de minha leitura poética, que transcrevem fenômenos de corpo e estética, performatividades sociológicas da *transculturação*. Discurso no curso de um corpo Transnexo, metade imanência desejo e sexo, metade homônimo sintético e cirurgião.

Envagações de pensamentos, atitudes e comportamentos, que perfuram a retidão da postura moral, rasgam a beatitude da carne divina, e a preenchem de beleza e silicone industrial. Buracos no corpo, na estrutura, na vida e na linguagem vigente do social. Que podem servir de orifícios de entrada para púberes conceitos, estéticas, formas e modernos direitos do ser que é cultura e não "ser natural".

Furtivos entendimentos que aqui imito, *TRANScriados*, digitados, processados e *TRANScritos*, automaticamente codificados neste impresso de escrita aí real, embora no aqui da máquina ainda virtual, através do papel do pesquisador, tentarão revelar, em meio a si, corpos e momentos e experiências vividas. São transcrições de pensamentos, com invenções em letras de afeto, meio corpo no corpo da norma, meio sem forma de corpo abjeto, um pouco pesquisador, poética do desejo, um tanto artista, anarquista em protesto.

Palavras que agora trocam espaço com o toque das suas digitais. Que em seus olhos se estabelecem na folha e na cor invisível de sua concretude material, fugaz ao olho nu, revelando junto aos meus signos, vida de tinta, cartucho e papel, letras de tua pele, escritas de digitais. Que podem significar no dispositivo tecnológico de leitura do hoje. Tua composição química, biológica ou substancial. Ser arte pintada em teu Registro Geral. Escrita analfabeta de um nome, tinta carimbo do social. Traços do teu e do meu, comunicado. Conhecimento, sentido e dado, ao dedo digitalizado.

Marcas de um invisível pintado num mundo já revelado. Escritos de outros, pro teu folhear minhas palavras, agora suas páginas e talvez sentimentos. Que nos prendem, os dois, a um papel do processo de ensino e capital que, burocratizado, nos separa corpos, máquinas, matéria de tinta, mas que também nos une, agora e afeto prolongado, de um eu anterior, interior, pesquisado. Que se revela outro eu extensão e signo, agora em letra TRANScriado.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. A indústria cultural: o iluminismo como mistificação das massas. In: **Indústria cultural e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ARTAUD, A. **O teatro e seu duplo**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo**. Tradução Sérgio Milliet. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BIÃO, A. Aspectos epistemológicos e metodológicos da etnocologia: por uma Cenologia Geral. In: **Memória ABRACE I**: Anais do I Congresso Brasileiro de Pesquisa e pós-graduação em Artes Cênicas. Salvador: UFBA, 1999, p. 364-367.

_____. **Etnocologia**. Textos selecionados. São Paulo: Annablume, 1999.

BUTLER, J. Sujeitos do sexo/gênero/desejo. In: **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DELEUZE, G. **Espinosa, filosofia prática**. São Paulo: Ed. Escuta, 2002.

DERRIDA, Jacques. **A Escritura-A Diferença**. 2. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1995. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/239019648/DERRIDA-Jacques-A-escritura-e-a-diferenca-pdf#scribd>>.

DERRIDA, J.; ROUDINESCO, E.. **De que amanhã**: diálogo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. Tradução: Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 2004.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomás Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

_____. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

LOURO, G. L. (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MAFFESOLI, M. **A transfiguração do político: a tribalização do mundo**. Porto Alegre: Sulina, 1997.

_____. **Notas sobre a pós-modernidade: o lugar faz o elo**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Atlântica, 2004.

MARZANO, M. **Dicionário do Corpo**. Tradução de Lucia Pereira de Souza. São Paulo: Loyola, 2012.

NASCIMENTO, E. **Jaques Derrida: Pensar a Desconstrução**. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

PINTO, J. P. Performatividade. In: **Revista Cult**. Edição 193, publicada em agosto de 2014, por redação Cult, nas categorias: 193 Dossiê Teoria Quer, CULT, Edições, O corpo de uma teoria, artigo. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n33/05.pdf>>. Acesso em: 25 de maio 2014.

PRELUCIO, L. **Subalterno quem, cara pálida? Apontamentos às margens sobre pós-colonialismos, feminismos e estudos queer**. UNESP, 2012. Disponível em: <<http://www.pucminas.br/gpfem/documentos/genero-estudos-poscoloniais.pdf>>. Acesso em: 16 mar. 2013.

SARTRE, Jean Paul. **Saint Genet: ator e mártir**. Petrópolis: Vozes, 2002.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009,

SOUZA, A. M. de. **O corpo ator**. Londrina: Eduel, 2013.

_____. **A presença da corporalidade nos discursos literário e coreográfico**. Tese de Doutorado – Universidade Estadual Paulista, Faculdades de Ciências e Letras de Assis, Assis: 2003.

Recebido em: 23/05/2016

Aceito em: 12/09/2016